

FACULDADE FACONNECT - POLO A CASA TOMBADA

TELMA ALMEIDA DE OLIVEIRA BRAGA  
e  
CAETANA

**ENSAIO SOBRE MORTE E INFÂNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação Lato Sensu NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em NARRAÇÃO ARTÍSTICA, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Prof<sup>a</sup>. M<sup>s</sup> Letícia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação da Prof<sup>a</sup>. M<sup>s</sup> Sandra Urizzi Lessa, Prof. Dr. Josiley Francisco de Souza, Prof. Marco Haurélio Fernandes Farias e Prof. Dr. Marcus Vinícius Campos (Marcus Matraca).

SÃO PAULO/SP

2023

## ENSAIO SOBRE MORTE E INFÂNCIA

Telma Almeida de Oliveira Braga<sup>1</sup>

Caetana<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir de um questionamento sobre o interesse da sociedade capitalista e globalizada nos processos de banalização e invisibilização da morte, que nos impede de enxergar a melhor de suas duas faces, segundo o professor Roberto Gambini, esse ensaio traz os conceitos de encantamento, proposto por Luiz Rufino e Luiz A. Simas, e o de infancialização, proposto pelo professor Renato Nogueira, como atos de afirmação da vida. Por meio do brincar e do narrar, essências da infância, a vida encontra o encantamento necessário para transbordar sua força, em aparente paradoxo, “salvando a morte”, sem rejeitá-la, mas acolhendo-a como parte de nossa jornada. Apresenta-se ainda o conceito de tempo espiralar, de Leda Martins, que nos auxilia a bordar memórias. Na tecitura dessa escrita, a Morte está presente como interlocutora da pesquisadora, figura e narradora em primeira pessoa de algumas de suas histórias e reflexões.

Palavras-chave: morte; desencanto; infância; brincar; narrar

---

<sup>1</sup> Escritora, contadora de histórias, aprendiz de atriz, Mestre em Língua e Literatura Francesas pela UFRJ, Especialista em O livro para a infância, pel'A Casa Tombada, encantada pela vida.

<sup>2</sup> Contadora de histórias, Mestra em Sabedoria Popular, Doutora em Oftalmologia Mágica (=ramo da oftalmologia que se dedica a nos “abrir os olhos” para a vida), em Justiça e em Engenharia (especialidade construção de pontes), a Morte é chamada de Caetana na cultura popular de algumas regiões do nordeste brasileiro e é dessa forma que Ariano Suassuna se refere a ela no soneto *A Moça Caetana – A morte sertaneja*.



## ENSAIO SOBRE MORTE E INFÂNCIA



Saiba, todo mundo vai morrer  
Presidente, general ou rei  
Anglo-saxão ou muçulmano  
Todo e qualquer ser humano [...]

(Arnaldo Antunes)

Quando comecei a juntar as primeiras palavras dessa escrita, ocorreu-me dizer que o assunto era a morte. Não é. Ou talvez seja, de uma certa maneira. Na verdade, é um convite a percebermos outros modos de nos relacionarmos com ela, a morte, essa Moça Caetana, no dizer sertanejo, muito mais benfazejos do que se possa imaginar. Esse trabalho é também uma vontade imensa de contar histórias sobre a morte, nossa comadre, nossa companheira, de convidá-la a tomar um chá com bolo de fubá, de pé mesmo, já que ela nunca se senta. Não que eu já queira ir com ela, só pretendo ir fazendo amizade, falar menos e ouvir mais o que ela tem a dizer, sobretudo quando fica em silêncio. Afinal, quando for minha hora, é melhor seguir ao lado de uma amiga do que na companhia de uma estranha.

Assim, começo juntando memórias e observações que venho fazendo acerca da morte e convido algumas vozes a tramar comigo essa tecitura. Em primeiro lugar minha mãe, a mulher dos ditados: “a única certeza da vida, minha filha, é a morte, nunca esqueça”. Esqueço, não, mãe. É por isso que me parece tão absurdo - e ao mesmo tempo lamentavelmente compreensível diante de uma sociedade capitalista, colonizadora e desconectada do sagrado - que por um lado se trate a morte sem o menor respeito, de forma absolutamente banal e, por outro, finjam que ela não existe, como se fosse invisível.

Para ampliar a conversa, convido também Roberto Gambini, professor e analista junguiano, que percebe duas faces na morte: uma aterrorizante e outra que nos ajuda a amadurecer; a voz do filósofo e ensaísta Walter Benjamin, que aponta o exílio da morte a partir do século XIX; a do antropólogo venezuelano Fernando Coronil que, por uma perspectiva decolonial, revela o interesse da sociedade globalizada em incluir o humano na categoria de capital e as implicações daí decorrentes.

Em seguida, outros vão se achegando para o chá com bolo de fubá: a professora Leda Martins e os professores Renato Nogueira, Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas parecem não se assustar com minha convidada de honra à mesa, muito pelo contrário, a saúdam como a uma mestra. Trazem seus tambores, trazem histórias, nos convidam a entoar cantos, a dançar, a brincar e a nos encantar caminhando nas espirais do tempo. Sinto um tremor percorrer meu corpo e meus pés logo me carregam ao som de ritmos envolventes. A morte não fica de fora, participa de tudo, mas nunca larga a gadanha. Quando lhe pergunto por que não a deixa um minutinho para dançar com os amigos, ela me responde: “Amigos, amigos; negócios à parte”.

Depois do chá e das brincadeiras, proponho um brinde à amizade, com um gole de cachaça bem brasileira, é claro. Professor Nogueira brinda à infância e os dois Luizes aos encantados. Benjamin, como já era de se esperar, brinda ao narrador e Coronil à não globalização. Leda Martins sorri, rodopia e brinda ao tempo. Da janela, outros me olham e acenam que também querem se juntar a nós. Podem vir, ainda cabe mais gente.

Eu pergunto à Caetana: “E você, a que brinda?”. Ela me olha fixamente e o fundo de suas órbitas vazias vão se preenchendo novamente com os mais lindos olhos que jamais vi. Depois de alguns segundos, ela ergue o copo e diz:

- À vida, amigos, à vida!

E foi assim que surgiu minha escrita em que a morte não é um tema, mas um pretexto para brindarmos à vida.



Todas as histórias, assim como nós, têm uma conclusão, um fim. Portanto, histórias quaisquer que sejam nos ensinam um pouco sobre morrer. Todavia, narrar sempre foi também uma das maneiras de se driblar a morte, não aquela advinda da destruição física, mas do esquecimento. Viajamos nas histórias “reais” ou de ficção conduzidos pela palavra do narrador que resguarda a ele, às histórias e a nós. Ao ouvirmos, ou lermos, uma boa história, dessas que têm a capacidade de nunca nos cansar, mesmo quando repetidas, temos a sensação de pertencer a algo bem maior, nos reconhecemos em suas veredas simbólicas, pois, como salienta o filósofo coreano Byung-Chul Han, o símbolo serve ao reconhecimento, que não é apenas ver de novo, mas perceber que estamos diante de algo que já conhecemos, ainda que de modo inconsciente. Assim, dentro de nossa impermanência inerente, “a percepção simbólica, na condição de reconhecimento, percebe o permanente” (HAN, 2022, p.10).

A minha história é feita de histórias. Sendo filha de um filho da roça, contador de histórias, muito cedo aprendi a amá-las. Apesar de criada na cidade - posso dizer que sou uma narradora urbana - dentro de mim ainda moram as risadas das moças do interior, com seus vestidos de domingo e suas vergonhas, moram as noites de lua na estrada de barro, o cheiro de mato e o tal Saci Saperê, que de dia é ave, e de noite é assombro. Moram também as estrelas e os olhos azuis de meu pai. Azuis porque assim nasceram e porque, ao olhar para o céu, pareciam querer fazer pouso por lá. Tudo isso ainda está aqui, vivo, graças à força da palavra de um homem que já não é, mas que continua sendo em mim.

Das histórias ouvidas, as que mais me fascinavam eram as de assombração, de visagem e as de morte. Não que eu fosse uma criança sombria. Muito pelo contrário, também me divertiam as histórias engraçadas ou de aventuras, sem falar nos contos de fada, que encantaram minha infância e me ajudaram a lidar com alguns medos dentro e fora de mim. Mas as tais histórias que me falavam de um além, de alguma forma que eu não saberia explicar, me atraíam. Talvez por acenarem com uma continuidade possível, talvez apenas pela atmosfera de mistério que sempre cativa a criança.

Mistério. Será isso? Será a morte tão temida por uns e tão estudada por outros exatamente por ser a única que pode nos estender a chave mestra que um dia usaremos, mas que fingimos ignorar? Há muito tempo, ouvi de um médico que a diferença entre uma pessoa que foi enganada e uma pessoa sadia é que a primeira tem certeza de que vai morrer e a segunda ainda duvida.

Lembro-me bem de que, na minha infância, o assunto morte jamais foi tabu em casa. Tampouco a doença. Fui várias vezes a hospitais visitar doentes com minha mãe. Não foi a escola, por exemplo, a primeira a me ensinar que somos caveira por baixo da pele. Foi uma senhorinha de ossos de vidro. Magrinha, voz miúda como ela. A pele, através da qual se via o contorno dos ossos, mais parecia o papel manteiga dos assados lá de casa. Dona Mercedes não se levantava daquela cama da Santa Casa da Misericórdia. E com muito cuidado as enfermeiras a tocavam. “Seus ossos se quebram facilmente”, me diziam. Eu, enquanto aguardava, na companhia das enfermeiras, os dez minutos finais da visita em que se permitia também às crianças o espetáculo da fragilidade e da impermanência, inspecionava com o olhar os austeros corredores do século XIX, sempre cheirando a éter. Achava tudo tão antigo, exatamente como aquela senhora além de qualquer idade, além do que me era possível entender por tempo. Seria ela tão antiga como aqueles corredores? A primeira vez que a toquei, muito de leve, para um carinho, foi como se tocasse uma ausência, uma espécie de gente sem começo nem fim. Depois da visita à mulher dos ossos de vidro, sempre atravessávamos grandes corredores e era impossível não notar o mosaico de cerâmicas que os revestia. Eu me divertia tentando pisar só nas brancas ou só nas pretas e logo descobria que era impossível. Assim acontecia porque minha mãe fazia questão de dar uma espiadinha no berçário antes de ir embora. Talvez para garantir que eu percebesse a vida como um caminho, uma travessia, um mosaico em preto e branco em que não há chegadas sem partidas. Uma mestra, minha mãe.

Minha mãe também permitia que a acompanhasse a todos os enterros de vizinhos, conhecidos ou parentes. E foram muitos. Morria-se muito. Ainda éramos mortais. Em casa, o assunto era natural, apenas mais um entre tantos do cotidiano. E, assim, fui cedo aprendendo sobre vida e morte. Aliás, morte em minha cultura familiar nunca foi interrupção, vazio, abismo, ou desespero, mas continuidade e renovação. Pode soar estranho, mas até gostava dos cemitérios, achava-os tranquilos. Minha distração durante os cortejos era examinar as esculturas tão perfeitas de anjos e santos ou as covas abandonadas, tristes, cobertas por mato e por Marias-sem-vergonha. Gostava também de observar as fotos nas lápides e tentar imaginar quem teriam sido aquelas pessoas, o que fizeram e o que deixaram de fazer, quando morreram, por que razão, se tinham amores, amigos ou inimigos, do que gostavam, o que viveram. Mais

ou menos como fazia com objetos antigos, prédios antigos, louças esquecidas e coisas perdidas dentro de livros velhos, todos viajantes do tempo, que de certa forma nos contam sobre os que já se foram e nos tranquilizam quando pensamos que talvez falem de nós para os que ainda estão por vir, porque sobrevivem a nós. As coisas têm uma estabilidade (HARENDT, 2007), ainda que relativa, que a vida não tem, creio que por isso as amamos, porque entrevemos nelas a duração de uma história da qual fazemos parte.



Figura 1 Foto de acervo da autora. Mural na livraria Porão – Livro& Café, em Brasília.



Apesar de já ter vivenciado várias perdas de parentes e amigos, em março de 2021, tive que enfrentar a perda mais difícil: minha mãe faleceu com noventa e sete anos. Estávamos em plena pandemia de COVID-19. Não foi essa a causa de sua morte. Os médicos atribuíram a morte à uma pneumonia. Mas acho que ela se foi simplesmente porque cansou de viver, isto é, de viver aqui. Foi viver do outro lado. Vivenciar o processo de luto e o ritual de despedida me fez compreender exatamente o que me diziam na infância, que a morte é continuidade de um ciclo, um ponto de partida e de chegada, exatamente como o nascimento, pois fazemos parte de uma realidade bem maior, ainda mal compreendida, a que chamamos VIDA. Ela nos insere em uma teia de conexões com tudo que existe, seja visível ou invisível.

Mas em paralelo com minha experiência individual, milhares de pessoas inominadas viravam gráficos, estatísticas, sem que suas famílias tivessem ao menos o direito a um rito fúnebre, enquanto um homem com uma faixa verde-amarela atravessada no peito oco debochava dos que morriam sufocados. Milhares de pessoas voltaram a se inscrever abaixo da linha da pobreza, sem esperança e sem sonhos. Todo o processo da perversa lógica capitalista colonizadora ficou ainda mais evidente, acentuou o desencanto entre homens e mulheres já aterrorizados pela doença e escancarou as mazelas de uma sociedade adoecida há vários séculos.

Como se não bastasse, crescia a pressão no trabalho para sermos cada vez mais produtivos, sermos a “melhor versão” de nós mesmos, fato, aliás, que não começou com a pandemia, mas se agravou ainda mais com a confusão para muitos entre casa e emprego, isto é, para os que ainda tinham seus empregos. A equipe precisa ser ouro, ganhar o selo, a estrelinha, os “parabéns”. Vamos lá! Vocês estão em casa! Então, você percebe que o mundo corporativo levou o *we can*, slogan comum nas equipes de recursos humanos, às últimas consequências. Cansaço? Todo mundo tem. Organize-se, faça o tempo render, faça ioga, corra, medite, faça sudoku, coma brigadeiro gourmet, faça exercícios, tome Rivotril e Sertralina, você pode ir além.

Mas não era da morte que eu falava? O que isso tem a ver com ela? Tudo. Indo cada vez mais além, superando metas, começo a acreditar que, de fato, chegaremos lá, no Além, só que talvez antes da nossa hora. Desconfio que estamos, assim, “matando a morte”, eliminando-a de nossos pensamentos em troca da ilusão de nossa imortalidade e da desvalorização de outros vivos. Mas será que o efeito disso, contrariamente, não nos conduzirá aos bastidores sombrios da depressão, do *burnout*, ou indiferença pelo outro, nosso irmão, seja bicho, gente, pedra ou rio? Tudo passa a ser capital ou objeto de consumo. Criamos uma sociedade em que a essência da vida e a conexão com o universo é cada vez mais esgarçada e embaçada pelo excesso de ganância, por um lado, e pela extrema escassez de meios de sobrevivência física e psíquica por outro.

Assim, a partir dessas reflexões e experiências, nasceu em mim um impulso de salvar a morte. Afinal, a morte “como duplo da vida (...) travessia nos ciclos do tempo (...) não é radical da escassez, da interrupção, mas sim da continuidade” (RUFINO, L.; SIMAS, L.A., 2020, p.8). Mas como? Decidi, então, que para salvá-la preciso contar sobre ela, narrar suas histórias, transformando-a naquela a quem se pode fazer confidências, contar segredos, brincar e rir junto. E se, como diz Jeanne Marie Gagnebin (2014, p.14), “quando escrevemos, lembramos à nossa revelia que morreremos”, então, acho que escrevo para também me salvar.

Mesmo assim, muitos poderão não entender esse meu impulso e vão me olhar atravessado. Por que falar de morte? Por que ser tão inconveniente em um mundo que apesar de tantas mortes abomina esse tema? Afinal o que é a morte? Do ponto de vista puramente biológico a morte é um pouco mais fácil de ser definida, mas nem tanto. Para lá da dimensão material, porém, a ideia da morte sempre esteve, e sempre estará, no centro das nossas preocupações e indagações existenciais desde as mais remotas eras até quando durar a aventura humana na Terra. Será que ainda dura muito? Será que teremos ideias e histórias suficientes para adiarmos o fim do mundo?

O que há para além de nossa vida física é um mistério ainda sem respostas. Exatamente por isso, a Morte, como fenômeno inexplicável, povoa todas as mitologias e assume no inconsciente coletivo seu caráter arquetípico, inserida, aliás, em um arquétipo bem maior: o da Vida/Morte, separadas somente devido ao dualismo do pensamento ocidental a que nos habituamos e sobre o qual vários estudiosos já nos alertaram como sendo, no mínimo, equivocado. Mas trago em especial a filósofa nigeriana Sophie Oluwolé<sup>3</sup> que, a partir de um

---

<sup>3</sup> Filósofa nigeriana (1935 -2018), primeira pessoa em seu país em obter um PhD em filosofia. A pesquisa de Oluwolé concentrou-se na tradição oral iorubá.

paralelo entre a filosofia socrática e a filosofia de Orunmilá<sup>4</sup>, de cosmovisão mais abrangente, conclui que o pensamento ocidental é construído a partir de oposições como, por exemplo, corpo x mente, razão x emoção, imanente x transcendente, mundo sensível x mundo inteligível, o que, é claro, desarticula o que absolutamente não pode ser desarticulado! Em contraponto a essa “oposição binária” ocidental, a filósofa propõe o que ela chamou de “complementariedade binária” (PAULA, N.; WER, C., 2019, p.130) que é com certeza uma maneira menos fragmentada e mais amorosa de enxergar um universo que não pode absolutamente ser repartido em dois lados ou em seções incomunicáveis. Esse posicionamento intelectual que interpreta a realidade dentro de oposições binárias compromete inclusive a maneira de se compreender os direitos humanos vistos, então, pela lógica do “um ou outro”:

A questão é que, enquanto a realidade é identificada e formulada dentro estruturas conceituais de oposições binárias, com um inerente “um ou outro”, assumido no sentido exclusivo, em que toda e cada existência não é apenas independente da outra, mas em oposição a isto, não pode haver racionalmente interesse e obrigação inalienável por parte de um indivíduo de reconhecer e respeitar a existência e igualdade de direitos de outros seres humanos (OLUWOLE, S. apud PAULA, N.; WER, C., 2019, p. 130).

Perceber a VIDA de forma mais abrangente nos ajuda inclusive nas escolhas éticas, estéticas e políticas: minha prática social, docente ou artística acolhe os seres, humanos ou não, reconhecendo e respeitando suas existências múltiplas? O que minha prática e meu repertório dizem de mim? Para que eu exista com minhas opiniões, preciso aniquilar ou desmerecer outros? Ao contrário, pela lógica excludente das oposições binárias, até mesmo nosso pensar e fazer artísticos são comprometidos. Recentemente, ouvi de um professor, de conceituada escola de música, que se considera culto e inteligente, que a “arte *morreu* no século XIX” e que não há beleza alguma na arquitetura de Brasília. Um herege, esse Niemeyer! Pensei em responder, mas achei perda de tempo. Alguma coisa dentro dele também morreu há muito tempo.

Por isso, quanto a mim, sigo enxergando no par Vida/Morte, não uma oposição, mas uma complementariedade. E é justamente por esse caráter complementar que diante da possibilidade da morte, seja como finitude, seja como transformação ou ainda no seu aspecto mais espiritual, nos habilitamos a perceber e experimentar a vida em plenitude, ou em outras palavras, em sua verdadeira dimensão de vivacidade, e não engessada na “dicotomia vivo e morto” (RUFINO,

---

<sup>4</sup> Apesar de o nome Orunmilá corresponder a um orixá da tradição iorubá, bem como representar uma espécie de título dado a pessoas que possuem conhecimentos e práticas acerca do Ifá (sistema divinatório extremamente complexo), Sophie Oluwole centra sua pesquisa em Orunmilá enquanto ser humano e filósofo histórico. Para conhecer mais sobre o conceito de complementariedade binária, confira o livro ainda não publicado em português, **Sócrates e Orunmilá: dois padroeiros da filosofia clássica** (tradução da autora).

L.; SIMAS, L.A., 2020, p.8) em que morto assume a conotação de descartável e inativo e vivo a de útil e ativo.

Roberto Gambini (2005) faz uma interessante comparação da morte com o deus Janus<sup>5</sup> e a chama de “nossa companheira de duas faces”: uma aterradora, sombria, que revela nossa mais completa solidão e nos paralisa, nos impedindo de seguir nosso fluxo; a outra, preciosa interlocutora que nos ajuda a travessar o processo de individuação<sup>6</sup>, e a resistir à tirania da persona que poderia nos afastar de nós mesmos. Essa é a face da morte que nos convida a viver:

Quem conversa com a morte aceita a ideia e a realidade da finitude: a finitude é bela, a efemeridade é sublime; quanto mais finita, mais bela a vida e mais precioso o momento presente. *E se no fim tudo vai mesmo terminar em pó qual então o sentido da rivalidade, do egoísmo, da intriga, da maledicência, da maldade, da falta de conexão com o outro, da luta desenfreada pelo poder? (...)* Portanto, a morte como companheira deve ser acolhida e de forma alguma evitada, porque é precisamente ela e mais ninguém quem de fato nos ensina a viver. Ela é a grande mestra da vida, porque nos faz sentir o tempo correndo na alma, nos faz ouvir estarecidos o som e a fúria de nossas ilusões mais vãs. Paradoxalmente, a imagem do término absoluto da vida terrena é que nos habilita a viver a vida em sua possível plenitude. (GAMBINI, 2005, p. 142-143, grifo nosso)

Atualmente, percebo que se o mistério em torno da morte continua, nossa atitude diante dela parece ter mudado bastante. Pelo menos na sociedade ocidental/capitalista. Parece-me que em nossa experiência a morte está perdendo sua melhor face. Se nos séculos passados a morte estava presente nas conversas em família, encarada como uma etapa pela qual todos passariam, sendo os funerais e os ritos vivenciados e compartilhados, assim como experimentei em minha infância, hoje percebemos duas atitudes bem diferentes diante do mesmo fenômeno: por um lado, a banalização da morte, por outro, sua rejeição como assunto interdito, o que a leva a um processo de invisibilização. Duas maneiras de matar a morte.

Considero banalização da morte esse olhar para ela como coisa qualquer, com olhar endurecido e indiferente pela pessoa humana que se foi. E isso pode ter algumas razões: uma autodefesa contra realidades muito duras e violentas, uma forma de enfrentamento por parte de quem é obrigado a lidar com a morte todos os dias, como profissionais da saúde, coveiros e outros, mas pode ser também uma estratégia da lógica mercantilista de consumo em que o

---

<sup>5</sup> Deus romano da transformação e da transição para novos começos, uma divindade com duas faces que apontam em direções opostas: uma para frente e outra para trás.

<sup>6</sup> Embora modernamente o conceito de individuação tenha se transformado e possa ser observado durante todas as etapas da vida, Jung entendia a individuação como um processo pelo qual nos tornamos um ser único, alcançando uma singularidade profunda, tornando-nos o nosso próprio Si-mesmo. Este processo ocorreria a partir do meio da vida, quando em geral já construímos a vida de relações de modo satisfatório, e nos voltamos para nosso mundo interno, em busca de resgatar aquilo que foi abandonado e ficou à margem da realização do ego em sociedade. Jung coloca a individuação na perspectiva do encontro com o mistério, com o insondável, com a morte e com a espiritualidade, com a busca, enfim, do significado da vida. (2005) In [https://www.pucsp.br/clinica/boletim-clinico/boletim\\_20/boletim\\_20\\_11.html](https://www.pucsp.br/clinica/boletim-clinico/boletim_20/boletim_20_11.html)

produto no fundo somos sempre nós, mesmo de paletó abotoado, um simples produto. Eu já desconfiava e confirmei isso quando vi o preço de um funeral e quando quiseram me vender um “lote” no cemitério, em determinada quadra “muito bem localizada com vista para a rua” (???!). Esquece. Com certeza, minha mãe terá agora vistas bem melhores.

Para além disso tudo, é verdade também que a banalização costuma ser fenômeno muito mais recorrente quando a Moça Caetana visita pobres, negros, indígenas ou quaisquer outros grupos política, econômica e socialmente minoritários, por exemplo. Não é preciso nenhum apoio teórico, embora estatísticas confirmem, para se chegar à constatação de que o maior número de mortes violentas (homicídios, desabamentos, enchentes etc.) acontece entre a população negra e pobre, o que tecnicamente é quase sinônimo. E nesse caso, o que a banalização da morte traduz é uma banalização dessas vidas, tratadas como descartáveis, desimportantes, substituíveis. Talvez, no centro desse processo não esteja a morte propriamente dita, enquanto desligamento físico, mas os processos violentos e antinaturais por meio dos quais ela acontece. A morte violenta ou, por outras tantas razões, evitável, faz então parte do pacote do desencanto de que nos falam Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas (2020) e que é, ele sim, e não a morte em si, o oposto da vida. O desencanto é a morte em vida, a morte do sonho e da esperança. “Quando crescer quero puxar carroça igual a meu pai”, ouvi de um menino na escola de Vila Aliança, no Rio de Janeiro, onde trabalhei. O desencanto me olhou nos olhos e sorriu. Eu também era quase criança, só doze ou treze anos mais velha que meus alunos. Não sei se consegui ofertar muito além de abraços e histórias. Mas nunca deixei de falar de flores.

Paralelamente a essa banalização, percebo também a invisibilização da morte que se tornou assunto evitado como macabro, indecoroso, desnecessário até, já que a maioria de nós prefere acreditar que a morte é coisa dos moribundos e dos desenganados e que, por isso mesmo, não nos diz respeito. Não cabe. Não na nossa vida cheia de vida. Assim, as duas atitudes atingem inclusive as crianças e os jovens, que a depender de sua situação familiar e social, ou são expostos demasiadamente ao espetáculo de mortes violentas e cruéis, a ponto de não mais se afetarem com isso (será que não?), ou são “poupados” de toda e qualquer experiência de morte, inclusive na literatura para a infância, espaço ideal, tão acolhedor e seguro para se introduzir temas sensíveis como esse. Muitos movimentos conservadores e/ou religiosos - e completamente ignorantes do que seja esse ser chamado “criança” – tentam a todo custo “higienizar” os livros para a infância, banindo de lá toda a sombra, sobretudo a da morte<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> A respeito desse tema em livros para a infância, sugiro a leitura do TCC *A morte e a criança: A importância dos temas difíceis nos livros para infância*, de Mariana Amargós Vieira, disponível na biblioteca virtual de A Casa Tombada.

Rituais como velórios e enterros nem pensar! A morte não é bonita e às crianças só o belo se permite.

O historiador Philippe Ariès (2017) tenta entender esse processo de silenciamento da morte a partir da Idade Média e aponta quatro períodos ou estágios pelos quais passou nossa percepção da morte até os dias atuais: a morte domada – familiar, próxima, um sono profundo e fenômeno coletivo; a morte de si – em que, graças ao ideário religioso, o homem se julga cada vez mais responsável pelo seu destino pós morte e assombrado pela condenação eterna; a morte do outro – em que o desespero e o medo em torno da morte se voltam não para a perda de si, mas para a perda de um outro, de um ente querido; e finalmente a morte interdita – um verdadeiro silenciamento, um tabu acerca da morte em que até mesmo dar os pêsames a alguém se tornou constrangedor. Não pretendo analisar ou me estender sobre os fatos apresentados por Ariès, apenas situar brevemente essa conspiração do silêncio, nas palavras da Professora Maria Júlia Kóvacs<sup>8</sup>, como resultante de um processo histórico que culmina, atualmente, em um aparente paradoxo:

O tema da morte se tornou interdito no século XX (Ariès, 1977), sendo banido da comunicação entre as pessoas. Paradoxalmente, nesse mesmo século, a morte esteve e continua estando, no início do século XXI, cada vez mais próxima das pessoas, em função, principalmente, do desenvolvimento das telecomunicações. A TV introduz diariamente, em milhões de lares, cenas de morte, de violência, de acidentes, de doenças, sem a mínima possibilidade de elaboração, dado o ritmo propositalmente acelerado desse veículo. Então, ao mesmo tempo em que é interdita, a morte torna-se companheira cotidiana, invasiva e sem limites, e, embora essas mortes estejam tão próximas (real ou simbolicamente), reina uma conspiração do silêncio. Crianças e adolescentes convivem com essas imagens diariamente, ao mesmo tempo em que se tenta "poupá-los" para não os entristecer. (KOVACS, 2005, p.486)

Uma amiga me confidenciou certa vez: “minha mãe deveria ter me levado a um enterro quando eu era mais nova; assim o primeiro que acompanhei não teria sido o dela”. O peso do silêncio que veio depois dessa fala me contou do peso que ia naquele coração. Nunca saberemos se poderia ter sido diferente. Só sabemos que foi assim.

Não me cabe aqui uma análise psicológica da situação, nem possuo qualificação para tal. Imagino, contudo, que as novas gerações tenham menos resistência a perdas e frustrações. Afastar os jovens da morte não ajuda em nada a compreensão de que - embora seja desejável que honremos nossa cor, nossa etnia, nossas tradições - todos somos iguais por baixo da pele, seja ela qual for, e que por mais ricos e poderosos que sejamos, não se pode comprar ninguém

---

<sup>8</sup> Doutora em psicologia pela USP onde coordena o Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia, tendo por temas de estudo e pesquisa a morte, o luto, a bioética e a formação de profissionais de saúde e educação.

para morrer em nosso lugar, como muito bem lembrado pela Doutora Ana Cláudia Quintana Arantes<sup>9</sup> em suas palestras. Muitas vezes, esquecemos que não levamos nada do que temos, apenas o que somos. Seja qual for o preço do caixão. Com ou sem visor.

Mas o fato é que a morte passou a ser coisa ruim e feia, indigna de se apresentar em sociedade. Uma exilada.

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. (...) Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. (BENJAMIM, 1987, p.207)

Tal atitude oferece grande perigo, pois quando se tem a ilusão da imortalidade, esquecemos de reparar no que realmente nos faz sentir vivos, engessados pela mecanicidade do sobreviver e arraigados a padrões em que não nos reconhecemos de verdade, mas que muitas vezes atendem com maestria à lógica do consumo. Somos inoculados pela “peçonha” do capitalismo colonizador, nas palavras de Rufino e Luiz Antônio Simas (2020), pela pressão do desempenho que nos leva ao esgotamento em todas as dimensões, à “alma consumida” (HAN, 2017) - na forte expressão usada por Han para definir o *burnout*. Não à toa, as odiosas ideias de meritocracia instaladas com força em nossa sociedade transferem a todos em geral, mas com excelência às identidades mais fragilizadas, a culpa pelo fracasso social e profissional. Afinal, o radical da própria palavra deriva do verbo latino *merere*<sup>10</sup> que significa “merecer”, “ser digno”, enquanto o sufixo grego *kratós* significa “força”, “poder”. Logo, se você não “vence na vida”, é porque é fraco, não se esforçou, não mereceu. Daí um correr desenfreado por um excesso que mais nos afasta que nos aproxima do verdadeiro respeito pela Vida, pela nossa vida inclusive. O descanso, as pausas e o ócio contemplativo, tão necessários ao equilíbrio do ser, vêm sendo banidos pelos excessos: de ruídos, de informação, de desejos inalcançáveis, de trabalho. E nesse último caso, o carrasco nem sempre é o patrão, pode ser você mesmo.

---

<sup>9</sup> Médica brasileira formada pela USP com residência em Geriatria e Gerontologia no Hospital das Clínicas da FMUSP. Pós-graduada em Psicologia – Intervenções em Luto pelo Instituto 4 Estações de Psicologia, especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Pallium e pela Universidade de Oxford. É também escritora, professora e palestrante em temas sobre envelhecimento e morte, autora do livro **A morte é um dia que vale a pena viver**. Para conhecer melhor, confira palestra em <https://www.youtube.com/watch?v=UZQdnch9M&t=1319s> .

<sup>10</sup> Conforme <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/merecer>

Lamento profundamente que assim seja, pois encarar a morte, refletir e fabular sobre ela, acolher seu mistério e alumbramento é importante e saudável. Esse lado mítico do homem, hoje tão esquecido e até ridicularizado, move energias psíquicas vitais para nossa transformação e autoconhecimento, nos faz repensar valores e olhar a vida com olhos mais lúcidos que percebem a passagem do tempo e compreendem a aproximação da morte como oportunidade de transformação interior na direção de nossos valores mais genuínos.

Afinal, o perigo em se negar a morte ao homem é desumanizar o próprio homem, rebaixando-o à categoria de objeto, de coisa (a palavra da moda é, não por acaso, resiliência, conceito emprestado da física e aplicado originariamente a materiais e não a pessoas), pois as coisas não morrem, é fato, mas são facilmente substituíveis. Em termos práticos, esse fenômeno é extremamente conveniente ao paradigma da globalização do mercado que reduz pessoas a números, e pior ainda, a mais uma categoria de capital. Nesse sentido, Fernando Coronil chama nossa atenção para o fato de que a globalização neoliberal – que vai muito além dos processos de colonização e imperialismo – inclui os recursos humanos, leia-se pessoas, na categoria de capital dentro de um portfólio: o Banco Mundial prevê que os objetivos de desenvolvimento econômico devem ser atingidos mediante o gerenciamento do *portfolio*, cujos elementos são recursos naturais, patrimônio produzido e recursos humanos, colocando todos em um mesmo patamar, mas

Ao omitir suas diferenças e incluí-los na categoria abstrata de capital, estes recursos são tratados como **elementos equivalentes**, constitutivos de um *portfolio*. (...) Contudo, as pessoas podem “contar mais” ou “menos” que os recursos naturais apenas em termos de uma perspectiva que os equipare; o valor das pessoas pode ser comparado ao valor das coisas somente porque ambos foram reduzidos a capital. **A definição das pessoas como capital quer dizer que o cuidado que se lhe dispensa é o mesmo que se dá ao capital.** (CORONIL, 2005, p. 56, grifo nosso)

A essa altura, fica evidente o interesse da modernidade, ou pós-modernidade globalizada, leia-se mercado, leia-se ganância, em acentuar em nós o sentimento de competitividade e de nos fazer acreditar que valemos pelo que produzimos: somos capital, crescemos em importância! E como não poderia deixar de ser, a ideia de imortalidade é, agora, mais do que conveniente, fundamental, porque afinal “*we can*”. Podemos tudo, podemos mais, trocamos partes de nosso corpo em busca da perfeição, usamos drogas que aceleram e aumentam nossa performance laborativa, esportiva, sexual, somos quase sintéticos; aceleramos a velocidade dos vídeos, dos filmes, para poder ter mais tempo, nos orgulhamos de sermos “multitarefa”, somos quase robóticos. Não desejamos apenas o pódio, e sim o recorde. Que triste. Estamos vivendo a ilusão do ilimitado: crédito ilimitado, minutos ilimitados, músculos ilimitados, conhecimento ilimitado, trabalho ilimitado, renda ilimitada, arrogância ilimitada.

Esquecemos que nossa humanidade reside nos limites. *Somos* limitados e imperfeitos. E por isso incrivelmente belos.

Por tudo isso, acredito que estamos realmente tentando matar a morte, pois olhar de forma banal para a ela, com desprezo pelas identidades ceifadas, sem o menor respeito, portanto, pela própria morte, bem como dar-lhe as costas como se não existisse, fazendo-a invisível, podem parecer atitudes diferentes, opostas, mas que têm em comum a rejeição da morte, na medida em que ambas as situações eliminam qualquer reflexão sobre a melhor de suas duas faces, sobre seu aspecto transcendente, sobre o fato de que a vida contém a morte e vice-versa, e que se negamos uma, negamos a outra. Negamos o fato de que entramos no corredor da morte pelo canal do parto.

Em minha última viagem ao Rio de Janeiro, fui com minha filha mais velha visitar a sepultura de minha mãe. Ela fez questão, já que não pode ir ao Rio por ocasião do enterro. Fomos com cuidado, pisando sobre covas recentes e túmulos antigos. Não havia lugar para pisar entre elas, tantas eram, pela urgência que se instaurou com a COVID de lugares onde se enterrar todos os mortos. Pisávamos literalmente sobre os que ali estavam, com respeito e sempre pedindo licença ao passar. Uma caminhada que ficou gravada em nós como metáfora da própria vida, esse campo assentado sobre aqueles que nos antecederam e que adubam nossa colheita. Na volta, o mesmo andar cuidadoso. No meio do caminho, uma enorme mangueira. Sol forte e sombra boa. Ouço a voz de minha mãe: “Manga de cemitério é a melhor que tem”. É sim, mãe, é, sim.

Apesar de tudo, de todo o esforço da modernidade para invisibilizar a morte, ela é perseverante e continua firme em seu propósito de nos lembrar que continuamos sendo pó, pó que anda, como diria Padre Antônio Vieira (2008), mas ainda assim, pó. É disso que se trata. Simples assim. Portanto, aquilo que tanto evitamos, isto é, falar da morte, talvez seja exatamente o caminho que devemos trilhar. Não para nos entregarmos a sua face sombria e nos aterrorizarmos com sua imagem coagulada no pavor dos transis<sup>11</sup> da Baixa Idade Média, mas para estarmos disponíveis a reinventar a vida a cada dia, a buscar a força da vida, o entusiasmo no viver, mesmo diante de nossa finitude corpórea. Falar da morte, contar histórias sobre ela, e mais ainda, convidá-la para o jogo, para a brincadeira, para a festa, será uma ideia totalmente sem sentido? Ou será uma maneira possível de celebrar a vida?

- Opa, ouvi falar de festa?

---

<sup>11</sup> Na arte fúnebre ou tumular, um transi é uma efígie, uma escultura representando um morto de modo realista, nu, de aparência cadavérica e geralmente em estado de putrefação que ornamenta tumbas e monumentos mortuários, muito comuns na Baixa Idade Média.

- Ah, você ainda está aí, Caetana?

- Claro, o chá ainda não acabou! Mas continua escrevendo, está muito bom. Eu fico aqui bem quietinha.

- Então tá.



O filósofo e líder indígena Ailton Krenak (2019, p.26), em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, afirma que “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”. Isso é muito forte como imagem e mais uma vez me remete ao que diz Campbell (1990) sobre a importância de nos sentirmos vivos, mais até do que entender o sentido da vida. E não consigo pensar em melhor exemplo desse “sentir-se vivo” do que a alegria e a força do brincar que emana das crianças. Aliás, cada vez mais, gosto de pensar em mim como uma “criancista”, assim como explica o professor Renato Nogueira (2020, p.534):

gente adulta que aprende com crianças, valoriza culturas infantis e investe em sua própria infância – a capacidade de brincar, narrar e imaginar - como modo privilegiado de se relacionar consigo e com o mundo, mas, também com o contorno político de pessoas que defendem o direito das crianças serem crianças e dos adultos habitarem suas infâncias.

Nogueira (2018) desenvolve ainda um outro conceito, a infancialização, ou seja, a infância enquanto experiência, conceito filosófico e princípio ético: ativar a criança dentro de nós em qualquer idade. Não se trata de voltar a ser criança literalmente, mas sim da capacidade de acolher o caráter efêmero e imponderável do mundo e, por isso mesmo, estar aberto a novas maneiras de se relacionar com e nesse mundo.

Ora, se é a certeza da morte que nos coloca frente a frente com o imponderável e com a efemeridade da vida, e se a criança é esse princípio em nós disposto a aceitar o mistério e a inaugurar modos outros de se relacionar com o mundo, com todos os seres visíveis e invisíveis,

humanos ou não, concordo mais uma vez com Noguera que o brincar e o narrar, atividades que constituem a infância em sua essência, podem ser caminhos para “fazer emergir afetos alegres”, porque assim “o gosto de viver sobrevive, de tal modo que mesmo em convívio com o desgosto, o sabor da vida não se perde” (NOGUERA, R.; ALVES, L. P., 2020, p.542). Esse “gosto de viver” que a criança em nós desperta, conversa de perto com a vivacidade produzida pelo estado de encantamento com a vida, definida por Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas como “a experiência do ser integral e integrado com a natureza, mesmo que eventualmente tenha morrido” (RUFINO, L.; SIMAS, L. A., 2020, p.9). O estado de desencanto, ao contrário, nos conduz à perda da vivacidade. Nesse contexto, o encantamento é um verdadeiro ato de resistência diante do desencanto, um verdadeiro modo de estabelecer reconexões entre todas as formas que habitam e constituem a biosfera e de “transitar nas inúmeras voltas do tempo” (ibidem, 2020, p.6), um modo, enfim, de afirmação radical da vida que absolutamente não se opõe à morte, mas ao desencanto (ibidem, 2020, p.9).

Penso novamente em minha mãe, já bem fraquinha, despedindo-se deste plano e tão próxima do portal entre mundos. Certo dia, entrei em seu quarto e ela sorria. Perguntei-lhe a razão e ela me contou que o quarto estava cheio de crianças, algumas sentadas em sua cama, outras brincando. Eu quis saber se ela não tinha medo das crianças. Muito admirada, ela me olhou e disse:

- Claro que não, as crianças me alegram, me divertem. Elas vieram me ajudar.

- Ajudar? Como assim, mãe?

- Sim, você sabe que sempre fui devota de Cosme e Damião, por isso estão aqui.

Tenho certeza de que tanto as crianças quanto minha mãe, narradora quase à beira da morte e por isso revestida da autoridade de que nos fala Benjamin (1987), estavam encantados pela vida. A partir desse dia, meu coração ficou em paz.

Assim, compreendo e reafirmo que brincar e narrar de forma infancializada é, de fato, transitar na dimensão do encantamento, apaixonar-se mais por perguntas e possibilidades do que por respostas, é, mesmo diante do abismo da vida, dizer sim de modo radical e brincante.

Digo sim

Poderia dizer  
que a vida é bela, e muito,  
e que a revolução caminha com pés de flor  
nos campos do meu país,  
com pés de borracha  
nas grandes cidades brasileiras  
e que meu coração  
é um sol de esperanças entre pulmões

e nuvens  
Poderia dizer que meu povo  
é uma festa só na voz de  
Clara Nunes  
no rodar  
das cabrochas no carnaval  
da Avenida.  
Mas não. O poeta mente.  
A vida nós amassamos em sangue  
e samba  
enquanto gira inteira a noite  
sobre a pátria desigual. A vida  
nós a fazemos nossa  
alegre e triste, cantando  
em meio à fome  
e dizendo sim  
– em meio à violência e a solidão dizendo  
sim –  
pelo espanto de beleza  
pela fama de Tereza  
pelo meu filho perdido  
neste vasto continente  
por Vianinha ferido  
pelo nosso irmão caído  
pelo amor e o que ele nega  
pelo que dá e que cega  
pelo que virá enfim,  
não digo que a vida é bela  
tampouco me nego a ela:  
– digo sim (GULLAR, 2004, p.55)

Há na tradição yorubana uma história que nos fala do poder do brincar e do narrar. Conta-se que os irmãos gêmeos Taiwo e Kehinde, filhos de Xangô e de Oxum, foram enviados ao reino de Orunmilá e de Iemanjá para que fossem criados sob seus cuidados. Certo dia, Icu chega ao reino e, com seu ogó (cajado de madeira), toca em vários animais e plantas que logo perdem a vida. Até mesmo os soldados enviados para deter Icu não resistem e morrem. Então os gêmeos pedem permissão a Orunmilá e a Iemanjá para irem ao encontro de Icu. Os pais, de início resistentes, acabam cedendo. Antes da partida, Iemanjá dá a eles um tambor e Orunmilá conta-lhes ainda uma vez a história de seus nomes, advertindo-lhes sobre a importância de sempre contar alguma coisa sobre quem ouve. Desta forma, quando encontraram Icu, o convidaram a brincar com o tambor e a ouvir histórias sobre como ele tirava as pessoas do mundo. Depois de algum tempo de histórias e brincadeiras alternadas, Icu desiste de ficar naquele reino e parte. Assim, a infância foi a única capaz de vencer a morte pela força do brincar e do narrar.

A metáfora das histórias que vencem a morte como nos contos das Mil e uma noites e tantos outros, ou que adiam o fim do mundo, nas palavras de Krenak, é aqui diretamente relacionada com a criança e seu universo brincante. Obviamente, sabemos da imensa diversidade de sentidos e realidades implícitas nas palavras criança ou infância, mas o que nos

interessa aqui é a simbologia que nessas palavras nos remete ao entusiasmo pela vida e à capacidade de criação, formas metafóricas de se vencer o tempo e a morte.

Aliás, se pensarmos na cultura oral da infância, a morte sempre esteve presente, de modo mais ou menos explícito, em jogos, cantigas, parlendas, fato que não parece assim tão surpreendente quando pensamos que o jogo

é fundamentalmente um símbolo de luta, luta contra a morte (jogos funerários), contra as forças hostis (jogos de guerra), contra si mesmo (contra seu medo, sua fraqueza, suas dúvidas etc.) (...) Os jogos, em sua origem, estão ligados ao sagrado, como todas as atividades humanas, e mesmo as mais profanas, as mais espontâneas, as mais isentas de qualquer finalidade consciente derivam dessa origem (CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A., 1988, p.538 – tradução da autora)

Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas (2020, p.8) afirmam ainda que “na experiência do nascer, do morrer ou nos refazimentos cotidianos se expressam nosso caráter provisório, inacabado e dialógico”. Penso que o universo das brincadeiras da infância também colabora para uma espécie de treinamento a esses “refazimentos” e à própria morte. Talvez a mais exemplar dessas brincadeiras seja a famosa “Morto, vivo”, uma das mais populares até hoje e sem dúvida uma das que eu mais gostava. Outras vezes, percebemos referências a arquétipos muito antigos, como o do psicopompo Caronte na brincadeira do Passaraio em que duas crianças de mãos dadas formam um túnel por onde passa um trenzinho formado pelas demais. Invariavelmente uma das crianças é “capturada” e sai da brincadeira (“morre”) devendo escolher um dos lados do túnel (provavelmente referência a céu e inferno):

Bom barqueiro, bom barqueiro,  
Dê licença de passar  
Carregada de filhinhos  
Para acabar de criar  
Passarás, passarás  
Algun deles há de ficar  
Se não for o da frente  
Há de ser o de trás, trás, trás...

Ou na versão simplificada e cantada em minha infância no Rio de Janeiro dos anos 70 em que, mesmo sem referência ao barqueiro, se guarda a forma do brincar e a referência a “fazer a passagem”, como muitos adultos usam dizer eufemisticamente:

Passaraio, passaraio  
Quem me deixe eu passar,  
Se não for o da frente,  
Há de ser o de trás, trás, trás...

Os exemplos são inúmeros: na “Amarelinha” se chega ao céu; na “Galinha e seus pintinhos”, todos são devorados um a um; na “Dança das cadeiras”, todos são retirados da brincadeira por perderem seus lugares na roda (“no mundo”) e ao final resta apenas o ganhador, mas que em uma leitura outra poderia ser o solitário, o derradeiro, aquele que sobrou depois do desaparecimento de todos; no “Fui passear no bosque”, a diversão era tão maior, quanto maior o medo de ser pego pelo lobo que também “matava” a todos no final. E voltando ainda mais no passado, encontramos a origem da brincadeira da pipa ou papagaio, no Extremo Oriente, como a alma daquele que a empinava a ele ligada por um fio (CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A., 1988, p.539).

Nas parlendas, adivinhas e cantigas, a morte também aparece com frequência:

Em cima do piano  
Tinha um copo de veneno  
Quem bebeu morreu  
Antes ele do que eu (o culpado não fui eu)

Lá na rua vinte e quatro,  
a mulher matou um sapo  
com a sola do sapato.  
O sapato estremeceu,  
a mulher morreu,  
o culpado não fui eu.

Hoje é domingo, pé de cachimbo<sup>12</sup>  
Cachimbo é de barro, dá no jarro  
O jarro é fino, dá no sino  
O sino é de ouro, dá no touro  
O touro é valente, dá na gente  
A gente é fraco, cai no buraco  
O buraco é fundo, acabou-se o mundo!

O que é, o que é?  
Quem faz, não compra,  
Quem compra não usa,  
Quem usa não vê  
E quem vê não quer usar?

Desta forma, a morte se faz presente, explicitamente ou não, na cultura da infância. E o mesmo movimento, como a das crianças gêmeas, que a convida para a brincadeira, a desafia na medida em que desafia o tempo linear e, portanto, a própria finitude: nos brincos e brinquedos, assim como nas danças, nas cantigas, nos folguedos e nas festas populares nos conectamos à ancestralidade, ainda que estejam sempre em transformação. Muitas vezes me vi em

---

<sup>12</sup> Assim transcrevo, e não “pede cachimbo”, pois assim brincávamos e entendíamos quando crianças o que conferia muito humor à brincadeira graças ao *non sense* gerado pela imagem de um “pé de cachimbo”.

movimentos e maneiras de brincar de minhas filhas, assim como minha mãe deve ter visto sua infância em mim:

Esses movimentos e dizeres, encontrei-os muitas vezes em minhas filhas quando, entre surpresa e encantada, via a elas e a mim mesma em brincadeiras que faziam, iguais e ao mesmo tempo diferentes: um volteio novo, palavras incorporadas ou perdidas como nas antigas brincadeiras de mão, mas agora com o enigmático “Andoletá, lepeti, lepetá, nescafé com chocolá”. (...) Paro de digitar e fecho os olhos. Sinto novamente o cheiro gostoso do arroz branco quentinho com peixe, do macarrão com frango ao molho de tomate. Estou em algum momento dos anos setenta, no pátio da E. M. Ministro Edgard Romero, no Rio de Janeiro. Faz sol. Eu e minhas amigas esperamos pela merenda quentinha, enquanto brincamos no mesmo bater de mãos ritmado, na mesma coreografia que minhas filhas nos anos dois mil, como se estivéssemos todas na mesma roda, mas em algum lugar do tempo que não é nem o da minha infância, nem o da infância delas. (BRAGA, 2022, p. 6)

Nossos repertórios orais e corporais de infância carregam memória, abrem as fronteiras do tempo, “vencendo” a morte. Aqui, percebo que o conceito de tempo espiralar de Leda Maria Martins pode entrar na conversa, guardadas, por certo, as devidas proporções e o contexto a partir do qual tal conceito foi concebido (toda uma história da diáspora negra). Mas compartilho essa percepção cósmica do mundo e compreendo os movimentos e gestos da infância também a partir dessa visão que “entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade, a morte” (MARTINS, 2002, p.84).

Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. (...) Esse processo pendular entre a tradição e a sua transmissão institui um movimento curvilíneo, reativador e prospectivo que integra sincronicamente, na atualidade do ato performado, o presente do pretérito e do futuro. (MARTINS, 2002, p. 84-85)

Assim como na performance ritual, a performance da criança também institui um movimento pendular entre tradição e sua transmissão, na medida em que recebe a brincadeira e a atualiza a sua moda, estabelecendo “uma ação de um pretérito contínuo, sincronizada em um pretérito presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se espargue, abolindo não o tempo, mas sua concepção linear e consecutiva” (MARTINS, 2002, p.85). E esse movimento que abala a linearidade do tempo, relativiza nossa própria finitude.

Portanto, podemos perceber a sabedoria popular que faz da brincadeira um território seguro de preparação para a etapa final de nossa jornada, ao mesmo tempo que celebra e afirma a vida. Não invisibiliza ou nega nossa impermanência terrena, mas permite que tudo aconteça de modo vibrante, porque brincando mobilizamos a alegria, o movimento do corpo, da voz, o entusiasmo, que é a forma mais autêntica de transbordar vida plena. Não por acaso a palavra entusiasmo vem do grego εὐθουσιασμός (enthousiasmos), a partir do adjetivo εὐθους

(contração de  $\epsilon'ν$  (en), “em”, e  $\theta\epsilon\omicron'\varsigma$  (theos), “deus”)<sup>13</sup>, portanto, literalmente, “possessão divina”, estar inspirado ou possuído por um deus, estar em êxtase, mas sem nenhuma conotação cristã, já que se trata de um vocábulo com origem anterior ao cristianismo.

E por falar em símbolo cristão, aqui em Brasília, na igreja Nossa Senhora de Fátima, carinhosamente chamada de Igrejinha, há uma imagem de Nossa Senhora pintada na parede pelas mãos sensíveis do artista Francisco Galeno. Ela parece estar voando contra um fundo azul profundo, apoiada em três flores apenas: as três crianças que testemunharam a aparição. Não me canso de admirá-la pelo que carrega nas mãos. Não sei se o artista conhecia a simbologia dessa brincadeira, dos fios ali enrolados nos carretéis, das Moiras. Não sei se o artista pensou no elemento ar, como o mais ligado à dimensão do transcendente, ou no vento, como a representação do sopro divino. Mas sei que ali, a brincadeira é elevada à categoria do sagrado, do milagre, dessa infância que é ela mesma o próprio milagre encarnado.



Figura 2 disponível em <https://inspiresenasobrasdopas.blogspot.com/2017/03/pesquisa-de-analises-da-obra-mural-da.html>

Já que falei em arte, ainda outro dia, em visita ao MAB (Museu de Arte de Brasília), deparei-me com uma obra de Luiz Hermano, artista cearense. Sem título. Alguma coisa nela

<sup>13</sup> Conforme *Ortolang Outils et Ressources pour un Traitement Optimisé de la Langue*, disponível em <https://www.cnrtl.fr/etymologie/enthousiasme> (tradução da autora) e Dicionário Etimológico, disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/entusiasmo/>

começou a me chamar de forma que depois de uma volta inteira no museu, voltei a ela. Parei, reparei, tornei a andar e tornei a voltar a ela. Ela ali, como uma esfinge.

De repente, senti um frio atrás de mim. Era Caetana. Ela adora a arte como eu.

- Bonito, né? Adorei a homenagem. De certa forma, todas as obras de arte falam de mim, mas algumas são mais inteligentes como essa e revelam minha verdadeira face.

Só então percebi que a obra é formada por centenas de capacitores usados, portanto sem energia, ligados por uma intrincada rede de arame. Peças “mortas”, velhas, descartáveis, emaranhadas em uma rede/prisão de arame. Mas a rede forma um peixe. E o peixe é a rede. E parece ter duas faces. E o peixe está vivo na parede, e o peixe mergulha em mim, e me emociona.



*Figura 3 Foto de acervo da autora*

A arte é ou não é uma grande brincadeira? Sua capacidade de nos encantar nos convida a viver, mesmo sabendo que a vida “podia ser bem melhor, e será”.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Referência à música O que é, o que é? de Gonzaguinha, disponível em <https://www.vagalume.com.br/gonzaguinha/o-que-e-o-que-e.html>



E assim como o brincar, as histórias também nos ajudam no feitiço do encantamento, pois afinal “a experiência do tempo passa pela maneira como que narramos os acontecimentos” (NOGUERA, R.; ALVES, L. P., 2020, p.541) fazendo do próprio tempo uma narrativa. Narrar é, então, tecer a vida, é se entregar à espiral do tempo, é suspender o fim do mundo. Bem, é verdade que algumas histórias também podem apressá-lo. Mas dessas queremos distância.

Sendo assim, termino minha escrita contando algumas histórias em homenagem à minha convidada:

Era uma vez um...

Hã? Como assim? Caetana está dizendo que o lugar de fala é dela! Espertinha! E atualizada com o vocabulário, a danadinha! Tá bem, comadre. Então você escreve. Ou melhor, você dita e eu escrevo. Pode ser? Pois então, comece:

Obrigada, Telma, nem todos conseguem me ouvir, quanto mais me deixar falar. Fiz questão de contar eu mesma minhas histórias para desfazer alguns equívocos a meu respeito. Você até falou bem bonito, mas sabe como é, quem viveu (ou morreu) o acontecido tem mais autoridade para contar.

Eu, para ser sincera, ando inclusive meio saudosa. Não sei se todos sabem, mas adoro música! Vocês nem imaginam quantas já foram feitas em minha homenagem! Lembro-me muito do tempo em que cantavam quando eu ia visitar alguém. Ainda cantam, mas não é mais como era antigamente. Além da cantoria havia sempre o de comer e o de beber. Principalmente café e pinga para atravessar a madrugada! Mas isso tudo não é porque gostassem de mim, não, porque bem quista eu nunca fui. Mas havia respeito.

Hoje não há mais. Acabou-se o respeito. O mundo está mesmo dividido entre dois tipos de gente como você bem reparou: os que me tratam como uma qualquer, sem a menor cerimônia, e os que fingem que eu não existo, como talvez alguns dos leitores desse texto. Desculpem se sou dura, mas não me acostumo com essa arrogância, porque sou a única existência concreta no mundo, todo resto é miragem! Um sopro!

Mas enfim, vamos às histórias. Contam-se muitas histórias a meu respeito, umas certas, outras nem tanto. Sinceramente, prefiro as que o povo conta, de boca em boca. São mais autênticas, embora desprezadas pela Academia como folclore! Folclore, eu? Bem, tenho que reconhecer que vez por outra os contadores distorcem os fatos. Andam dizendo, por exemplo, que eu teria feito uma aposta com certo rapaz e que eu trapaceei, que fiz a oferta de propósito, que eu queria levá-lo comigo desde o início, que eu sou cínica, e muitas outras coisas. Mas não foi nada disso. O que eu fiz foi uma oferta. Generosa, por sinal. Ouçam, ou melhor, leiam e tirem suas conclusões.

Certo dia, estava eu andando numa roça, quando avistei um rapaz jovem, forte, trabalhando sua terra. Bem, na verdade a terra não era dele, era do patrão. Dele mesmo só a fome! Mas era tão simpático que eu quis me aproximar. Assim que ele me viu, deu um grito tão grande que até achei que tinha matado o sujeito antes da hora. Então, ele se recompôs um pouco, foi se acalmando, e expliquei que ainda não era a sua vez, e para compensá-lo do susto, resolvi fazer-lhe uma oferta generosa: disse-lhe que se largasse tudo o que estava fazendo e saísse correndo, toda a extensão de terras que ele conseguisse percorrer até o pôr-do-sol, seria dele. Isso! Um presente meu. Porém, só até o pôr do sol. Ele hesitou de início, mas acabou aceitando. Deve ter avaliado que tinha o corpo forte, era jovem e então largou tudo e saiu correndo. Esse moço, gente, correu, correu, correu tanto que, confesso a vocês, eu já estava ficando preocupada. Lá pelas três da tarde, as pernas dele bambearam e ele deu uma paradinha, aí eu pensei “até que enfim”, já se deu por satisfeito. Que nada! Se endireitou e continuou a correr mais depressa ainda! Atravessou campos, vales, riachos e quando os últimos raios de sol já iam sumindo, fiz um sinal que já podia parar. Ele continuou. Gritei que parasse. Não adiantou, penso até ter visto um pequeno sorriso em seus lábios. Resolvi, então, chegar mais perto ainda para lhe falar ao ouvido, mas, foi nessa hora que ele embarçou o pé na minha capa e tropeçou, cambaleou e caiu direto com a cabeça em uma pedra. Pois é, traumatismo craniano. Durante a queda, por uma fração de segundo, ficamos cara a cara. Eu não queria que fosse assim, mas nesse caso não pude evitar. Ele olhou dentro de mim e viu o abismo.

Quanto ao resto, que eu teria aberto uma cova e enterrado o moço, foi ponto aumentado pelos contadores de história.

Assim como essa, tenho muitas histórias. É até engraçado quando penso na ironia da vida: as pessoas me detestam, acham que sou uma megera. Mas as pessoas é que são muito esquisitas: fazem guerras, comem demais, bebem demais, correm demais, ficam tirando selfies em lugares perigosos, não tomam vacina... e depois botam a culpa em mim, dizem que sou cruel, malvada e outras bobagens. Desculpem a franqueza, mas são vocês que às vezes me procuram antes do

combinado. Bem, devo confessar que nem tudo que dizem é mentira, algumas coisas são verdade. Dizem, por exemplo, que se uma borboleta preta entrar na sua casa, você vai morrer, que se uma coruja rasga mortalha cantar em cima da sua casa, você vai morrer, que se você deixar o chinelo virado com a sola para cima, *a sua mãe* vai morrer. E de fato, eu não posso negar, é verdade, morre mesmo. Um dia morre!

Desculpem a brincadeira, ao contrário do que pensam, eu às vezes até tenho bom humor, mas fico muito chateada quando me caluniam dizendo que sou injusta. Eu? injusta?! Ora façam-me o favor! Logo eu que não faço a menor diferença entre gente rica ou pobre, feia ou bonita, gente analfabeta ou com pós-doutorado. Por outro lado, se vocês soubessem quantas vezes já se aproveitaram de mim... quantos já tentaram me enganar se valendo da minha boa-fé. Vejam só: já se disfarçaram, já raspam a cabeça, e até já me prenderam em cima de uma figueira por quase um ano. O que mais me magoou mesmo, partiu meu coração, foi quando um compadre meu me traiçou! Compadre, gente, quase família! E ainda dizem que fui eu que passei a perna nele! Que fui desonesta. Mas a verdade é que tem gente que parece não saber que a mim ninguém engana. Pelo menos não por muito tempo. Foi desse jeito que aconteceu:

Estava eu andando, numa noite muito escura, por uma ruazinha estreita. A rua estava molhada porque tinha acabado de chover e fazia frio. De repente, vi um homem com uma cara de cansado, encostado num muro, chorando muito, coitado. Fiquei observando um instante e depois me aproximei. O caso era o seguinte: ele já tinha uma renca de filhos e naquele dia tinha nascido mais um. O pobre andava oferecendo a criança a todo mundo, mas naquela cidade não havia mais ninguém que ainda não tivesse batizado um filho dele, ele não tinha mais a quem recorrer. A mãe não queria saber e mandou que ele saísse à cata de alguém porque ela não ia admitir menino pagão em casa, e que não voltasse enquanto não encontrasse alguém. Bem, foi aí que cometi o meu maior erro: eu me ofereci para batizar a criança. O homem, mesmo sabendo quem eu era, ficou muito agradecido.

No dia do batizado, eu chamei o sujeito num canto e disse assim:

- Olha, agora que nós somos compadres, não quero que você, sua mulher e seus meninos passem necessidade, principalmente meu afilhado. Por isso vou fazer de você um homem rico.

Pois bem, combinei com ele que a partir daquele dia ele seria médico e acertaria sempre o diagnóstico do paciente por causa de um código que combinamos: se me visse na cabeceira do paciente, é que a pessoa se salvaria, podia receitar o que quisesse, até água com açúcar que estava tudo certo. Mas se me visse nos pés da cama... aí não tinha remédio que curasse o infeliz, o sujeito podia estar até com a cara boa, mas não dava meia hora para ele esticar as canelas.

Bem, assim ele fez, e como não errava nunca, foi ficando famoso e foi enricando, tudo às minhas custas, vão prestando atenção.

Um dia, recebi um chamado para recolher uma moça. Cheguei lá e como de costume tomei minha posição aos pés da cama. Quando ia dar início aos trabalhos de desligamento, chega quem? Meu compadre. Mal me viu, foi me cumprimentando e me perguntando por que minha capa estava rasgada, e eu, então, que sempre gosto de andar muito bem arrumada, comecei a procurar na minha capa onde estaria o tal rasgado, e quando pensa que não, o safado virou a moça na cama sem que eu percebesse, de forma que quando atinei com a coisa, eu não estava mais aos pés da moça, mas na cabeceira. Não preciso nem dizer a raiva que senti por ser traída. E a mágoa. Mas àquela altura não podia fazer mais nada, porque eu, ao contrário dele, cumpro minha palavra, então a moça se curou e adiou a partida. E nem levar o danado no lugar dela eu não podia porque ainda não era a hora dele. Mas eu sou paciente.

Esperei que chegasse o seu dia e fui bater na porta dele.

- Pois é compadre, chegou a sua vez!

Mas aí ele começou uma choradeira, uma lengalenga, dizendo que ainda não tinha aproveitado a vida, que ainda tinha menino pequeno pra criar e tal e coisa. Eu não arredei pé e disse que não podia abrir exceção, nem pra sujeito compadre que nem ele.

Então ele se deu por vencido e se ajoelhou, pedindo que o deixasse rezar antes de morrer, queria pedir perdão pelos pecados. E me fez prometer que não o levaria até que ele rezasse o Pai Nosso inteirinho e dissesse o amém. Eu concordei, é claro, pois não ganho nada empatando a reza dos outros. Foi aí que o desinfeliz me passou a perna pela segunda vez. Começou a puxar a reza direitinho até o “venha a nós o vosso reino”, daí empacou, olhou pra mim e disse bem assim:

- É comadre, sabe quando é que vou terminar esse Pai Nosso? É nunca, comadre, nunquinha!

Eu já disse pra vocês, né? Eu cumpro minha palavra: “palavra dada é palavra empenhada” e de jeito nenhum que eu podia quebrar a promessa. Pensam que desisti? Pois daquele dia em diante, eu passei a segui-lo todo domingo até a igreja, só esperando a hora do Pai Nosso. Que nada! O safado rezava o Credo, a Ave maria, a Salve Rainha, mas na hora do Pai Nosso, a boca travava que nem se tivesse colada!

Mas o mundo dá voltas e, um dia, o safado do meu compadre vinha vindo por uma rua quando viu uma pessoa morta estendida no chão com um pano em cima. Ele era malandro, safado, mas era um cristão piedoso. Apeou da montaria, se ajoelhou, tirou o chapéu, olhou para

um lado e para outro para ter certeza de que eu não estava por ali e resolveu que tinha o dever de encomendar aquela pobre alma. Começou então a rezar:

- Pai Nosso que estais no céu, santificado seja Vosso Nome...

Quando finalmente disse “amém”, eu levantei de um pulo só e o agarrei pelo pescoço! O morto, gente, era eu!! Agora me digam? Quem tentou enganar quem? Eu não fui desonesta! Às vezes a gente tem que rebolar mesmo para dar conta do trabalho.

Mas não quero com isso que ninguém tenha medo de mim, pois nos afastamos do que temos medo. Não quero que se afastem. Prefiro que me respeitem e ouçam o que tenho a dizer. Mas, por favor, não me entendam mal, não quero trabalhar antes da hora. Nem depois, é claro, como daquela vez que tive que fazer muitas horas extras, na verdade séculos extra, por causa de uma velha que tinha muito medo de mim. Foi assim:

Ela se chamava Maria e era muito rica. A coisa de que mais tinha medo no mundo era de mim. Ela não tinha medo de trovão, nem de ladrão, nem de barata, nem de visagem. Mas se alguém falasse o meu nome perto dela, a velha esconjurava, xingava e nem queria saber mais da pessoa. Pois ela foi ficando tão travada de medo que, um dia, resolveu me chamar, me encarar e me pediu que eu não a levasse nunca. Daí eu disse: olha, nunca é tempo demais, mas podemos negociar. Eu lhe prometo mais trinta anos. Ela não aceitou. Então eu disse cinquenta anos e não se fala mais nisso! Mas a velha era tihosa e tanto insistiu que me venceu pelo cansaço. Acabei fazendo um trato com ela, coisa que não faço nunca mais. De qualquer forma, eu não podia prometer o “para sempre”. Então, mandei que construísse uma igreja e disse que enquanto a igreja estivesse de pé, eu não viria buscá-la. Achei que a construção fosse durar uns 100 anos no máximo. Acontece que a velha era rica, lembram? Daí ela contratou os melhores arquitetos e pedreiros e mandou construir a igreja todinha de pedra, as melhores e mais sólidas pedras que encontrassem. Quando a igreja ficou pronta, essa mulher não se aguentava de felicidade, todo dia olhava pela janela contemplando a igreja e verificando se tinha qualquer pedacinho faltando, qualquer coisa fora do lugar e se tivesse, mandava logo reparar. E com isso os anos foram se passando, as décadas, os séculos. Eu, preocupada, e a igreja continuava lá, inabalável. A velha idem.

Os filhos, os netos e os bisnetos morreram, os amigos e os compadres. Os últimos tataranetos se foram sem deixar descendência. Até que não tinha mais vivente na face da terra que soubesse quem ela era. Ela tinha alguns conhecidos novos, mas ninguém que compartilhasse suas memórias, ninguém que a tivesse abraçado quando moça, que tivesse compartilhado suas dores e sorrisos. Sabiam que era uma velha sozinha que morava de frente para a igreja e, já rezava a lenda, que era tão antiga quanto a própria igreja de trezentos anos.

Trezentos anos, foi o tempo que levou para ela começar a se lembrar de mim novamente. E sentir saudades. Não me chamou, mas senti em meu coração que ela pensava em mim, e fui até ela.

Era um dia de tardinha, quando o sol já se punha e o céu estava uma beleza de alaranjado. Ela estava sentada na cadeira de balanço, magrinha, toda enrugadinha, os cabelos presos em trança, muito longos, mas os olhos... os olhos que antes eram meio embaçados, agora estavam tão vivos! Pareciam até olhos de menino pequeno querendo descobrir o mundo.

- É você? - ela me perguntou sem se virar – desembaraça meus cabelos?

Então desatei-lhe a trança, sem pressa, e soltei os cabelos brancos. À medida que o pente escorregava, desembaraçando os fios, ela ia se lembrando e me contando tudo que havia visto e vivido: seus amores, suas lágrimas, o passarinho azul que fazia ninho no jardim, o tacho de doce, as dores dos muitos partos, as perdas, as risadas. Até os segredos. Quando terminei, ela pediu:

- Você me balança?

Ela estava tão leve que a coloquei no colo. Uma menina. Então embalei-a e cantei-lhe a mais linda canção de ninar que eu sabia. Ela olhou em meus olhos e sorriu.

A noite já ia alta e o sereno caía forte quando partimos.



Desculpem, mas sempre me emociono quando lembro de Maria. Prefiro que você termine essa escrita, Telma, por favor.

Claro. Mas não sei nem o que dizer depois das histórias que a comadre contou. Apenas, gostaria de acrescentar que minha intenção nunca foi dar respostas ou conselhos a quem quer que seja a respeito de um assunto do qual não sabemos quase nada. Talvez, fazer brotarem, independente de crença, religião ou filosofia, questionamentos tantos, tão diferentes quanto o número de leitores deste ensaio. E lembrar a todos que contar histórias sobre a morte é também ouvir, com mais atenção, sem medo e com respeito, o que ela tem a dizer. Afinal, o assunto preferido da morte é a vida.

Durante a escrita deste ensaio, percebi que não se pode refletir sobre vida e morte sem refletir sobre o tempo e sobre como o percebemos. É um mergulho profundo uma escrita como essa. Às vezes é preciso só andar, olhar o céu e esvaziar a cabeça para, então, continuar escrevendo. As caminhadas ajudam bastante, gosto muito de olhar as árvores no parque aqui em frente. Há uma árvore em especial que sempre admirei. É grande e imponente. Não sabia seu nome, mas a chamava

de “árvore das grandes raízes”. Ela tem uma beleza forte, meio misteriosa, como se a qualquer momento pudesse criar vida e sair andando como no filme *Ponte para Terabítia*, ou como se de repente eu estivesse na floresta de Nárnia. Pesquisando sobre o tempo e suas simbologias, descobri que a minha “árvore das grandes raízes” é possivelmente uma gameleira branca, que na cultura do candomblé e da umbanda é associada a *Iroko*, orixá do tempo, tendo sido ele próprio, em algumas narrativas míticas, a primeira árvore do mundo. Dizem ainda que o abutre é o mensageiro de *Iroko* que ora pousa, ora voa dos galhos da grande árvore para nos lembrar que não somos donos do tempo (RUFINO, L.; SIMAS, L.A., 2020, p.15-16). Mas por aqui não há abutre, ave natural da Ásia, Europa e África. Seus parentes americanos são os gaviões. Deve ser por isso que ainda outro dia vi um carcará pousado na gameleira.

A natureza sempre dá um jeito novo de contar histórias velhas e de nos fazer entender que a VIDA, com suas dores, seus amores, sua própria finitude material e tudo mais que couber dentro dela, se manifesta de modo simples, mas profundo. E belo. Sempre belo.



Figura 4 Foto de acervo da autora

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In **Obras escolhidas**, org. Suhrkamp Verlag. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRAGA, Telma Almeida de Oliveira. *Phyllanthus niruri: a palavra nas brechas*. Artigo apresentado como trabalho final na disciplina Diálogos entre teatro e antropologia, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília - UNB. Não publicado. Brasília: 2022

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**/Joseph Campbell com Bill Moyers; Beth Sue Flowers (org.). Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athenas, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dictionnaire des symboles**. Paris: Robert Laffont. Jupiter, 1988.

CORONIL, Fernando. Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

GAMBINI, ROBERTO. A morte como companheira. In: OLIVEIRA, M. F.; CALLIA, M. H. P. (Org.). **Reflexões sobre a morte no Brasil**. (p. 135-146) São Paulo: Paulus, 2005.

KOVACS, Maria Julia. Educação para a morte. **Psicologia: ciência e profissão**. Volume 25, nº 3, 2005. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>. Disponível em: < [SciELO - Brasil - Educação para a morte Educação para a morte](#). Acesso em 30/05/2023.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**. v. 19, nº 2, p. 04-27, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, jul/dez, 2011.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. In **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (org.). Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG: Poslit, 2002.

NOGUERA, Renato, & BARRETO, Marcos. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v.14, n.31, p.625-644, set. 2018. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/childhood/article/view/36200>. Acesso em 09/02/2023. DOI <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>

NOGUERA, Renato.; ALVES, Luciana Pires. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI) **Quaestio - Revista Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7149> Acesso em 30/05/2023

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antônio. **Encantamento (sobre política de vida)**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. Disponível em <https://morula.com.br/produto/encantamento-sobre-politica-de-vida/> . Acesso em 18/06/2023.